

## Indústria de Bebidas não Alcoólicas

**Fernando Luiz E. Viana**

Engenheiro Civil. Mestre em Engenharia de Produção. Doutor em Administração  
Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB  
fernandoviana@bnb.gov.br

**Resumo:** A indústria de bebidas não alcoólicas vem se recuperando e apresentando crescimento da produção e das vendas nos últimos dois anos, tanto em nível nacional, como em nível mundial, após os períodos mais críticos da pandemia da Covid-19. A pandemia trouxe mudanças importantes no comportamento do consumidor, que devem se manter no médio e longo prazo, entre as quais se destaca o maior uso do comércio eletrônico como canal de compra e venda, bem como a consolidação de tendências que já vinham se destacando antes da pandemia, como a busca por bebidas que trazem maiores benefícios (ou menores malefícios) à saúde e a valorização de marcas que explicitamente aderem às questões vinculadas à sustentabilidade. Em termos de dinâmica do mercado brasileiro, após a boa recuperação das vendas, observada especialmente em 2022, o setor conseguiu ultrapassar o volume de vendas do último ano pré-pandemia (2019). Os dois anos da Covid-19 deram início a uma nova onda de inovação, estratégias, ocasiões e comportamento do consumidor que moldarão a evolução do setor nos próximos anos, com tendência de continuidade do crescimento. A vendas de bebidas devem apresentar crescimento médio anual das vendas (CAGR) de 3,7% no período 2023-2027, no caso mundial, e de 3,0% no mesmo período, no caso nacional. A entrada em vigor da nova legislação brasileira relativa a rótulos de embalagens deve acelerar ainda mais o movimento em direção às bebidas com baixo teor ou zero açúcar. Nesse sentido, entende-se que eventuais financiamentos devem estar relacionados a projetos que envolvam a adaptação das empresas às novas necessidades em termos de mix e embalagens, bem como o aproveitamento de nichos específicos de mercado.

**Palavras-chave:** Bebidas Não Alcoólicas; Desempenho; Perspectivas.

### ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Kamilla Ribas Soares, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biagio de Oliveira Mendes Junior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Marcos Falcão Gonçalves (Gerente Executivo), Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Lara Catarina de Aragão F. dos Reis, Mariana Carvalho e Lima (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: [etene@bnb.gov.br](mailto:etene@bnb.gov.br)

**Aviso Legal:** O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; [bancodonordeste.gov.br](http://bancodonordeste.gov.br)

## 1 Contextualização

Esta análise contextualiza o cenário de toda a indústria de bebidas não alcoólicas, que engloba o grupo 11.2 (fabricação de bebidas não alcoólicas) da divisão 11 (fabricação de bebidas) da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), incluindo as atividades que compõem as seguintes classes: 11.21-6 (Fabricação de **águas envasadas**) e 11.22-4 (Fabricação de refrigerantes e de outras bebidas não alcoólicas).

A indústria de bebidas constitui importante setor da indústria de transformação. Apesar de não ser intensivo em mão de obra, em termos absolutos constitui grande empregador, com dezenas de milhares de empregos distribuídos em todo o Brasil. O setor possui ampla distribuição regional da produção, devido às características dos produtos, que têm a água como insumo básico. No Brasil, entre as bebidas não alcoólicas, o refrigerante tem grande destaque, tendo sido responsável por 56,6% das vendas de bebidas não alcoólicas (em volume) do País em 2022 (IBGE, 2023a, 2023b), embora essa participação dos refrigerantes venha caindo ao longo dos últimos anos. Um dos motivos principais para isso é a busca pelos consumidores de produtos com menor teor de açúcar e, conseqüentemente, mais benefícios à saúde, conforme será comentado posteriormente.

Em termos mundiais, a indústria de bebidas não alcoólicas também tem importância significativa em diferentes países. Devido à presença de vários fornecedores locais e internacionais e de grandes *players* com atuação global, o mercado é altamente competitivo. Empresas de classe mundial como Coca-Cola, Pepsi, Red Bull, Nestlé e Danone, estão entre as 10 (dez) maiores em valor de venda no varejo global. No contexto mundial, o Brasil constituiu o 6º maior mercado de bebidas não alcoólicas em 2022, em volume. O mercado brasileiro tem forte participação de empresas multinacionais, com Coca-Cola, Heineken e Danone, que possuem importantes bases de produção no Nordeste, estando entre as 10 (dez) maiores empresas em participação nas vendas em volume no mercado brasileiro, em 2022. Entre as empresas brasileiras, merecem destaque a Ambev<sup>1</sup> (2ª em participação no mercado) e o Grupo Edson Queiroz (5ª em participação no mercado, proprietária das marcas Minalba, Indaiá e Nestlé Pureza Vital), esta última com origem na região nordeste.

A partir da pandemia da Covid-19, que causou forte impacto nas vendas de bebidas não alcoólicas em todo o mundo, especialmente em 2020 e nos momentos mais críticos de 2021, houve mudanças importantes no comportamento do consumidor, que devem se manter no médio e longo prazo, entre as quais se destaca o maior uso do comércio eletrônico como canal de compra e venda, bem como a consolidação de tendências que já vinham se destacando antes da pandemia, como a busca por bebidas que trazem maiores benefícios (ou menores malefícios) à saúde e a valorização de marcas que explicitamente aderem às questões vinculadas à sustentabilidade. O cenário atual é de importante recuperação das vendas, com forte crescimento observado em 2022. Apesar de o mercado brasileiro apresentar algumas particularidades em comparação com os mercados dos países desenvolvidos, bem como manter certa heterogeneidade entre as diferentes regiões do País, entende-se que as empresas que atuam no Brasil devem atentar às tendências observadas no mercado internacional.

## 2 Desempenho Recente

Os tópicos seguintes apresentam informações referentes às principais variáveis associadas ao desempenho da indústria de bebidas não alcoólicas, considerando os grupos CNAE e os segmentos cobertos pelo presente trabalho.

### 2.1 Produção

Com relação à produção da indústria brasileira, os dados do IBGE referentes ao período 2018-2022 mostram um crescimento consistente da produção da indústria de bebidas não alcoólicas (Tabela 1), mesmo nos anos mais críticos da pandemia. Esse crescimento foi mais significativo em 2022 (8,6%), por conta da volta a uma relativa normalidade dos serviços de alimentação (mercado “on-trade”), importante canal de vendas de bebidas. A fabricação de refrigerantes correspondeu, em 2022, a 63,3% do total produzido, mas a participação de tal bebida vem caindo consistentemente nos últimos anos (era de 82,3% em 2010), o que é condizente com as mudanças de prioridades dos consumidores.

<sup>1</sup> A Ambev é o braço brasileiro da multinacional AB Inbev, que é o maior player do mercado mundial de bebidas.

**Tabela 1 – Evolução da produção (em milhares de litros) da indústria de bebidas não alcoólicas do Brasil: 2018-2022**

CLASSE CNAE	2018	2019	2020	2021	2022
Fabricação de águas envasadas	5.472.160	7.071.572	7.757.287	7.827.103	8.500.233
Fabricação de refrigerantes e de outras bebidas não alcoólicas <sup>(1)</sup>	14.565.994	15.564.651	16.289.818	16.436.426	17.849.959
<b>Total</b>	<b>20.038.154</b>	<b>22.636.223</b>	<b>24.047.105</b>	<b>24.263.529</b>	<b>26.350.192</b>

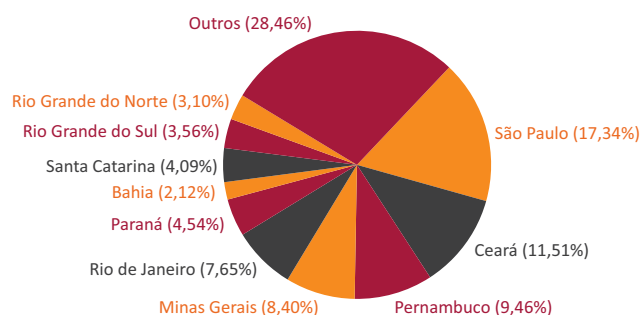
Fonte: IBGE (2023a, 2023b)<sup>2</sup>. Elaboração do BNB/ ETENE.

Notas:

- 1) Essa classe possui duas subclasses cuja produção é mensurada em toneladas e que foram desconsideradas do total: 1122.2050 - Preparações em pó para elaboração de bebidas, exceto para fins industriais e; 1122.2060 - Preparações em pó para elaboração de bebidas, para fins industriais;  
2) Dados de 2018 a 2020 da PIA Produto. Dados de 2021 e 2022: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

A indústria de bebidas não alcoólicas possui ampla distribuição regional da produção, devido às características dos produtos, que têm a água como insumo básico. Apesar dessa distribuição, que se reflete na presença de unidades produtivas em todos os estados brasileiros, percebe-se que, em nível regional (grandes regiões), há concentração da produção nos estados mais populosos (Gráfico 1). A partir das plantas industriais localizadas nesses estados, há uma repartição dos produtos para os demais estados da mesma região.

**Gráfico 1 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de bebidas não alcoólicas em 2021**



Fonte: RAIS (2023). Elaboração do BNB/ETENE.

A exceção entre os dez estados mais populosos na lista dos dez com maior número de estabelecimentos da indústria de bebidas não alcoólicas é o Pará. O Rio Grande do Norte (17º estado mais populoso) faz parte da lista, o que contribui para consolidar a forte representatividade do Nordeste no setor, congregando 37,3% dos estabelecimentos da indústria de bebidas não alcoólicas em nível nacional, tendo 4 entre os 10 estados com maior quantidade de estabelecimentos.

## 2.2 Mercado

No que diz respeito às quantidades vendidas, os dados do IBGE mostram um cenário (Tabela 2) semelhante ao observado para a produção, embora tenha havido queda das vendas em 2020, em função da pandemia, ao contrário do que ocorreu com a produção. Os refrigerantes também se destacam como principais produtos vendidos, com 56,6% de participação em 2022 (pico de 83,7% em 2010).

**Tabela 2 – Evolução das vendas (em milhares de litros)<sup>1</sup> da indústria de bebidas não alcoólicas do Brasil: 2018-2022**

CLASSE CNAE	2018	2019	2020	2021	2022
Fabricação de águas envasadas	5.213.696	6.435.619	7.381.007	7.447.436	8.087.916
Fabricação de refrigerantes e de outras bebidas não alcoólicas <sup>(1)</sup>	13.488.829	13.920.035	12.165.383	12.274.871	13.330.510
<b>Total</b>	<b>18.702.525</b>	<b>20.355.654</b>	<b>19.546.390</b>	<b>19.722.308</b>	<b>21.418.426</b>

Fonte: IBGE (2023a, 2023b)<sup>2</sup>. Elaboração do BNB/ ETENE.

Notas:

- 1) Essa classe possui duas subclasses cuja produção é mensurada em toneladas e que foram desconsideradas do total: 1122.2050 - Preparações em pó para elaboração de bebidas, exceto para fins industriais e; 1122.2060 - Preparações em pó para elaboração de bebidas, para fins industriais.  
2) Dados de 2018 a 2020 da PIA Produto. Dados de 2021 e 2022: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

É importante salientar que no período analisado (2018-2022), as águas envasadas tiveram forte crescimento das vendas no Brasil (55,1%), enquanto a venda de refrigerantes teve queda de 4,8%. Isso sinaliza a consolidação da relevância desse tipo de bebida no mercado brasileiro, o que, por sua vez, explica o destaque do Grupo Edson Queiroz entre os líderes do mercado nacional. Vale ressaltar que os dados do IBGE apresentados anteriormente contemplam apenas a produção e as vendas de unidades produtivas localizadas no Brasil, ou seja, as quantidades de bebidas não alcoólicas produzidas e vendidas pela indústria brasileira, não considerando os fluxos de importação, exportação e o consumo de eventuais estoques.

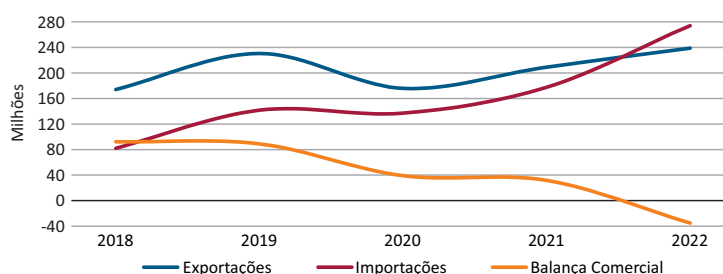
Além das águas envasadas, outros produtos que têm tido destaque em termos de crescimento das vendas no mercado brasileiro de bebidas não alcoólicas, em linha com o que acontece no mercado internacional, são as bebidas energéticas, que possuem forte apelo para as questões da saúde do consumidor.

Em termos de dinâmica do mercado brasileiro, após a boa recuperação das vendas, observada especialmente em 2022, passados os anos mais críticos da pandemia da Covid-19, o setor conseguiu ultrapassar o volume de vendas do último ano pré-pandemia (2019). Os dois anos da Covid-19 deram início a uma nova onda de inovação, estratégias, ocasiões e comportamento do consumidor que moldarão a evolução do setor nos próximos anos, com tendência de continuidade do crescimento.

Saúde e bem-estar ainda constituem importantes fatores que moldam a indústria de bebidas não alcoólicas no Brasil, bem como a questão da sustentabilidade, que será comentada na seção 3 (perspectivas). Os refrigerantes mantêm seu apelo por meio do investimento no desenvolvimento de opções zero açúcar que ainda são saborosas. Os sucos estão explorando a grande variedade de bases de frutas, que trazem diferentes vitaminas e propriedades. As bebidas energéticas continuam a usar bases de sucos e associações de sabores de frutas como forma de quebrar o estereótipo de produtos não saudáveis e artificiais. Bebidas esportivas e água engarrafada estão ganhando espaço à medida que a hidratação se torna palavra da moda. Manter-se hidratado é visto como forma de manter a saúde geral, tendo impactos nos consumidores em termos de alívio do estresse, imunidade e sensação geral de melhora em si mesmos (EMIS, 2023).

Com relação ao comércio exterior, os valores envolvidos para as bebidas não alcoólicas são relativamente baixos. As exportações em 2022 totalizaram US\$ 238,77 milhões, enquanto as importações somaram US\$ 273,94 milhões. As exportações têm mostrado trajetória instável nos últimos anos, com momentos de queda e retomada, as importações têm crescido (exceto em 2020), culminando com a reversão do superávit da balança comercial do setor, que se tornou déficit em 2022 (Gráfico 2). Em 2022, cresceu tanto das exportações, como das importações, mas de diferentes magnitudes, com destaque para o aumento de 35,3% das importações.

**Gráfico 2 – Balança comercial da indústria brasileira de bebidas não alcoólicas no período 2018-2022 (US\$ Mil FOB)**



Fonte: FUNCEXDATA (2023). Elaboração do BNB/ETENE.

## 2.3 Emprego e Capacidade Instalada

Em 2021 a economia brasileira mostrou sinais de recuperação em relação ao difícil ano de 2020, período mais crítico da pandemia. A taxa de desemprego caiu a partir da retomada das atividades econômicas e recuperação parcial da economia, atingindo 11,1% ao final do ano. Da mesma forma, o PIB

brasileiro cresceu 4,6% em 2021, em linha com as expectativas do mercado. Entretanto, já naquele ano surgiram sinais de aumento da inflação, que se intensificou em 2022, embora com melhora do cenário no final do ano. Já em 2022, a alta do PIB foi de 2,9%, e a inflação acumulada (IPCA) foi de 5,79%. A taxa de desemprego mensurada em dezembro/2022 foi de 7,9%, o que levou a taxa média de desemprego de 9,3% em 2022.

Na indústria de bebidas não alcoólicas do Brasil, após 2 anos de queda na quantidade de vínculos empregatícios (2020 e 2021), houve importante retomada em 2022 (Tabela 3), condizente com o crescimento da produção de 5,7% no Brasil no período 2018-2022. Já no Nordeste, o aumento do emprego no mesmo período foi maior, de 9,2%, com destaque para Pernambuco, que cresceu 61,0% do emprego no setor nesse período. Em 2021, o setor concentrava 0,9% dos empregos da indústria de transformação do Brasil e 2,1% dos empregos da indústria de transformação do Nordeste, o que denota maior importância do setor para Nordeste, em relação ao agregado nacional.

**Tabela 3 – Evolução do emprego na indústria de bebidas não alcoólicas no período 2018-2022<sup>1</sup>: Brasil, Nordeste e UF**

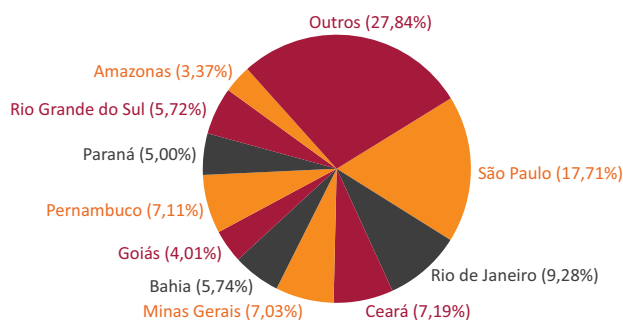
Estado	2018	2019	2020	2021	2022
Acre	316	331	185	213	214
Alagoas	1.600	1.649	1.333	1.372	1.503
Amapá	221	224	55	52	53
Amazonas	2.554	2.555	2.277	2.176	2.336
Bahia	3.642	3.887	3.724	3.742	3.980
Ceará	4.802	4.878	4.814	4.763	4.988
Distrito Federal	1.875	1.978	1.956	2.018	2.054
Espírito Santo	741	767	798	849	929
Goiás	3.466	3.620	2.847	2.726	2.777
Maranhão	1.694	1.715	1.917	1.912	2.019
Mato Grosso	1.835	1.941	2.039	2.140	2.326
Mato Grosso do Sul	945	998	1.044	1.058	1.162
Minas Gerais	4.563	4.664	4.536	4.565	4.877
Pará	1.904	1.831	1.968	1.859	2.004
Paraíba	1.323	1.287	785	800	827
Paraná	2.993	3.049	3.175	3.175	3.463
Pernambuco	3.062	3.263	4.756	4.868	4.931
Piauí	912	940	270	343	348
Rio de Janeiro	6.752	6.691	6.567	6.324	6.432
Rio Grande do Norte	1.701	1.779	1.810	1.881	1.908
Rio Grande do Sul	2.963	2.910	3.580	3.694	3.968
Rondônia	991	948	964	945	973
Roraima	127	125	149	122	108
Santa Catarina	1.860	1.939	2.009	2.115	2.311
São Paulo	12.180	12.246	12.408	12.088	12.275
Sergipe	449	432	443	412	439
Tocantins	111	105	102	117	121
<b>Região Nordeste</b>	<b>19.185</b>	<b>19.830</b>	<b>19.852</b>	<b>20.093</b>	<b>20.943</b>
<b>Brasil</b>	<b>65.582</b>	<b>66.752</b>	<b>66.511</b>	<b>66.329</b>	<b>69.326</b>

Fonte: RAIS (2023) e CAGED (2023). Elaboração do BNB/ ETENE.

Nota: (1) Dados de 2022 estimados a partir do saldo de movimentação do CAGED.

Em termos de distribuição geográfica dos empregos, percebe-se uma lógica semelhante àquela da distribuição das empresas (ver seção 2.1), com concentração nos estados mais populosos (Gráfico 3).

**Gráfico 3 – Distribuição geográfica (%) dos empregos na indústria de bebidas não alcoólicas brasileira em 2022**

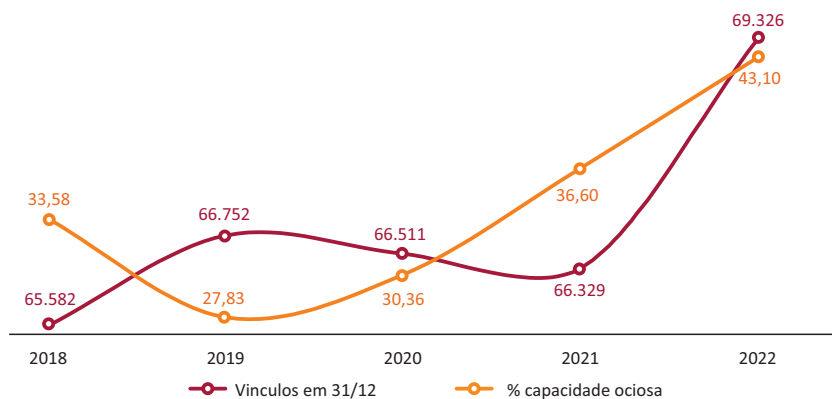


Fonte: RAIS (2023) e CAGED (2023). Elaboração do BNB/ETENE.  
 Notas: (1) Dados de 2022 estimados a partir do saldo de movimentação do CAGED.

No caso dos empregos, os estados que não estão entre os 10 mais populosos e que fazem parte dos 10 que mais empregam no setor são Goiás (11º mais populoso) e Amazonas (13º mais populoso). O primeiro possui uma localização importante para a distribuição de bebidas na região Centro-Oeste. Já o segundo, concentra a produção de guaraná no Brasil, insumo essencial para a produção de uma das bebidas não alcoólicas mais consumidas no País.

A capacidade ociosa do setor de bebidas (incluindo bebidas alcoólicas e não alcoólicas) vinha sendo compatível com a trajetória dos vínculos empregatícios, pois crescia a partir da diminuição dos vínculos empregatícios. Entretanto, em 2022, houve forte crescimento da capacidade ociosa, o que não é condizente com o aumento dos vínculos empregatícios, conforme pode ser observado no Gráfico 4. Uma possível justificativa para isso seria a ocorrência de investimentos recentes em aumento da capacidade, via expansão das instalações ou modernização tecnológica, que não foi compensando pelo aumento relativamente tímido dos empregos.

**Gráfico 4 – Desempenho recente do número de empregos e capacidade ociosa<sup>1</sup> da indústria brasileira de bebidas não alcoólicas: 2018 a 2022**



Fonte: RAIS (2023) e CNI (2023). Elaboração do BNB/ETENE.  
 Nota: (1) A capacidade ociosa informada considera toda a indústria de bebidas, inclusive de bebidas não alcoólicas.

O índice de utilização da capacidade produtiva do setor, que variou de 56,9% a 72,2%, está abaixo da média da indústria de transformação, em um patamar que indica que a indústria de bebidas tem operado com sobrecapacidade ao longo dos últimos anos, o que pode ser considerado um indicador de que não deverá haver grandes investimentos em ampliação da capacidade por parte das empresas do setor, especialmente nos segmentos mais tradicionais. Chama atenção as fortes quedas no nível de utilização da capacidade observadas em 2021 e 2022, atingindo o menor nível no período analisado no último ano. Nesse sentido, possíveis investimentos devem ser direcionados para adaptações relacionadas a mudanças no mix de produtos, visando as adaptações necessárias para o alinhamento às novas tendências do consumo.

## 3 Perspectivas

O volume total de vendas da indústria mundial de bebidas não alcoólicas cresceu 4% em 2022, para 754 bilhões de litros, superando o número pré-pandêmico (2019). Já em valores constantes, que considera o forte efeito da inflação, o crescimento real foi de 5% (crescimento nominal de 15% em US\$). Nesse contexto, as águas engarrafadas constituem a bebida de maior consumo em volume total, englobando 49,0% do volume total de 754 bilhões de litros de bebidas não alcoólicas consumidas em 2022, seguidas pelos refrigerantes (31,0%) (EMIS, 2023). Os produtos gaseificados (inclusive saborizados) têm sido os principais impulsionadores do crescimento do consumo de águas engarrafadas, enquanto os refrigerantes com baixo teor de açúcar (ou zero açúcar) têm sustentado um bom desempenho dos refrigerantes.

Algumas novas tendências para o mercado de bebidas não alcoólicas surgiram e/ou foram reforçadas a partir da pandemia da Covid-19. Outras têm surgido, em função de aspectos macroeconômicos que predominam atualmente no mercado global. As tendências que têm moldado o setor mais recentemente são as seguintes:

- Aumento dos preços unitários nas categorias globais de bebidas não alcoólicas, impulsionados por mudanças significativas no mix de preço/embalagem e descontos reduzidos das principais marcas pelos varejistas, como consequência da inflação;
- Marcas funcionais continuam a demonstrar um crescimento robusto, liderado por bebidas energéticas e bebidas esportivas, mas também incluindo novos estados de necessidade funcionais que são emergentes;
- Práticas mais sustentáveis continuam a ser implementadas na indústria mundial de bebidas não alcoólicas, especialmente na área de resíduos de embalagens plásticas e materiais retornáveis ou reutilizáveis;
- A recuperação das vendas observada especialmente em 2022, após os anos mais críticos da pandemia, encontra-se ameaçada pela inflação, pela perspectiva de desaceleração econômica e, por conseguinte, pela redução dos gastos dos consumidores, o que deve impactar a recuperação das vendas nos serviços de alimentação;
- O progresso na redução de açúcar nas bebidas é refletido no desempenho relativamente forte de produtos com baixo teor de açúcar em refrigerantes, bebidas energéticas e bebidas esportivas.

Apesar das ressalvas, os mercados mundial e nacional devem manter trajetórias de crescimento das vendas nos próximos anos. De acordo com as previsões da EMIS (2023), o crescimento médio anual das vendas (CAGR) de bebidas não alcoólicas no mundo deverá ser de 3,7% no período 2023-2027, com destaque para as águas engarrafadas, as bebidas energéticas e as bebidas esportivas. Já no Brasil, espera-se crescimento médio anual de 3,0% no mesmo período.

As tendências relacionadas ao mercado brasileiro não devem ser diferentes daquelas apresentadas para o mercado mundial, guardadas algumas características específicas do mercado nacional. Por exemplo, a entrada em vigor da nova legislação relativa a rótulos de embalagens, os quais devem chamar a atenção do consumidor para produtos com alto teor de açúcar, deve acelerar ainda mais o movimento em direção às bebidas com baixo teor ou zero açúcar. Ademais, os consumidores brasileiros estão cada vez mais interessados em proteínas, fibras, vitaminas e probióticos, todos os quais ainda não foram totalmente explorados pelas marcas e produtos brasileiros de bebidas. Todas essas tendências devem ser consideradas quando da análise de pertinência e viabilidade de novos investimentos do setor de bebidas não alcoólicas no Nordeste.

Considerando-se o exposto, entende-se que eventuais financiamentos devem estar relacionados a projetos que envolvam a adaptação das empresas às novas necessidades em termos de mix e embalagens, bem como o aproveitamento de nichos específicos de mercado. Outra possibilidade é o financiamento à modernização de processos produtivos, especialmente aquelas que impliquem a racionalização do consumo de insumos, tais como água e energia.

## 4 Sumário Executivo Setorial

<b>Ambiente político-regulatório</b>	<p>Resumidamente, a legislação de bebidas no Brasil é regida por dois decretos principais: um aborda os derivados do vinho, e os outros as bebidas de uma forma mais geral. A Lei nº 7.678, de 1988, é conhecida como o Decreto do Vinho e a Lei nº 8.918, de 1994, em conjunto com o Decreto nº 6.871, de 2009, compõem o decreto das bebidas. Esses dois decretos são os principais regentes da produção de bebidas no Brasil, e podem ser encontrados na íntegra no site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).</p> <p>Existem também leis que regem o consumo de bebidas alcoólicas, com destaque para a Lei Federal 13.106/15, que proíbe a venda para e o consumo de bebidas por menores de 18 anos, e a Lei Federal 11.7005/08, conhecida como “Lei Seca”, que determina tolerância zero para o consumo de bebidas por motoristas. Destaca-se também a Lei Federal 9.294/06, que regula a propaganda de bebidas alcoólicas. Além disso, existem leis estaduais e municipais que regulam o horário permitido de funcionamento de bares e restaurantes, com impacto no consumo de bebidas alcoólicas.</p> <p>Os aspectos que têm impactado o setor e, de certa forma, estão relacionados com ações políticas, são a inflação, a taxa básica de juros da economia (SELIC), que por sua vez tem relação com a inflação, e o comportamento do câmbio. Além disso, a carga tributária sobre as bebidas alcoólicas (ICMS) tem efeito direto no preço de venda desses produtos.</p>
<b>Meio ambiente – efeito das mudanças climáticas</b>	<p>Praticamente todos os principais players de bebidas alcoólicas no mundo têm intensificado seus esforços em ações relacionadas à sustentabilidade/ESG, com níveis variados de ambição. Existem medidas mundialmente conhecidas de empresas como Diageo, Carlsberg e Heineken, incluindo a redução do uso de plástico nas embalagens e o uso de energia 100% renovável na produção.</p>
<b>Nível de organização do setor existência de instituições de pesquisas específica para setor, existência de associações etc.</b>	<p>Além da ABIA – Associação Brasileira da Indústria de Alimentos, o setor tem importante representação da ABRABE – Associação Brasileira de Bebidas. Trata-se da entidade que reúne todas as categorias de bebidas alcoólicas e representa os associados na interlocução junto a diversos atores institucionais, tais como Poder Executivo, legisladores, mercado, órgãos reguladores etc.</p>
<b>Resultados das empresas que atuam no setor</b>	<p>A única empresa do setor listada na B3 é a AMBEV, segunda maior fabricante de bebidas não alcoólicas do Brasil. Em 2022, a empresa apresentou lucro líquido ajustado de R\$ 15,17 bilhões, crescimento de 12,6% em relação a 2021. A receita líquida, por sua vez, cresceu 9,4%, atingindo R\$ 79,7 bilhões em 2022. Por fim, a produção em volume cresceu 3,0%, atingindo 185,75 milhões de hectolitros em 2022.</p> <p>A Solar Coca-Cola, segunda maior engarrafadora da marca no Brasil, embora não tenha ações listadas na B3, reporta publicamente seus resultados. No ano de 2022, a receita bruta total foi de R\$ 10,9 bilhões, crescimento de 44,8% frente ao ano de 2021. A receita bruta orgânica foi de R\$ 8,4 bilhões, sendo 11,8% maior que o ano anterior. O lucro bruto em 2022 foi de R\$ 3,0 bilhões, crescimento de 56,4% sendo que o lucro bruto orgânico atingiu R\$ 2,4 bilhões e 38,5% de margem bruta, representando expansão de 4,3 p.p. de margem bruta em relação a 2021. O EBITDA ajustado orgânico fechou o ano com R\$ 1,2 bilhão o que representa aumento de 28,1% versus 2021, com expansão da margem EBITDA ajustada (orgânico) de +2,9 p.p. Destaque também para a evolução da geração de caixa operacional, 102% maior que 2021.</p>
<b>Perspectivas para o setor</b>	<p>Após a boa recuperação das vendas, observada especialmente em 2022, passados os anos mais críticos da pandemia da Covid-19, a indústria de bebidas não alcoólicas brasileira conseguiu ultrapassar o volume de vendas do último ano pré-pandemia (2019). Em termos de perspectivas, o crescimento médio anual das vendas (CAGR) de bebidas não alcoólicas no Brasil deve atingir 3,0% no período 2023-2027. A entrada em vigor da nova legislação relativa a rótulos de embalagens, os quais devem chamar a atenção do consumidor para produtos com alto teor de açúcar, deve acelerar ainda mais o movimento em direção às bebidas com baixo teor ou zero açúcar.</p>



## Referências

**CAGED – CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS.** Disponível em <http://pdet.mte.gov.br/novo-caged> Acesso em 10 abr. 2023.

**CNI - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. Indicadores industriais.** Disponível em <http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/indicadores-industriais/> Acesso em 06 mar. 2023.

**EMIS. Brazil Food and Beverage Sector 2022/2023.** Disponível em <https://www.emis.com> Acesso em 09 fev. 2023 (Acesso Restrito).

**FUNCEXDATA. Estatísticas de comércio exterior.** Disponível em <http://www.funcexdata.com.br/busca.asp> Acesso em 11 abr. 2023 (Acesso Restrito).

**IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa industrial anual – PIA Produto.** Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5807> Acesso em 04 abr. 2023a.

**IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa industrial mensal Pessoa Física – PIM-PF.** Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3650> Acesso em 30 mar. 2023b.

**RAIS - RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS.** Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php> Acesso em 04 abr. 2023.

**Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:**

**<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>**

**Conheça outras publicações do ETENE**

**<https://www.bnb.gov.br/etene>**